



A ÉTICA CRISTÃ E A MENTIRA PELAS LENTES DA TEOLOGIA BÍBLICA DO ANTIGO TESTAMENTO: O CASO DE RAABE E OS ESPIAS

Christian ethics and lie through the lenses of Old Testament biblical theology: the case of Rahab and the spies

Rogério da Silva Ferreira*

Carlos Alberto Bezerra**



* Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista do Cariri (FBC).



** Bacharel em Teologia pelo Seminário Batista do Cariri e mestre em Teologia pela FABAPAR. Docente da Faculdade Batista do Cariri.

Recebido em: 09/10/2020

Aprovado em: 27/11/2020

RESUMO:

As narrativas são abundantes em várias literaturas tanto antigas quanto recentes. E são abundantes também nas Escrituras. Entretanto, a pergunta que se faz é: como entender e interpretar corretamente as narrativas? Visto que, há vários métodos e perspectivas que muitas vezes as interpretam de forma equivocada. Isso pode ser visto nas várias escolas éticas, onde cada uma tem sua maneira de interpretar tais narrativas. Quando olhamos para a narrativa de Josué 2:3-13, não é diferente, pois existem muitas maneiras diferentes e equivocadas de interpretá-la, nesse sentido, é imprescindível observar os vários elementos que compõem uma narrativa e o método adequado para se interpretar.

Palavras-chave: Mentira; Narrativa; Hermenêutica; Macroenredo; Gênero.

ABSTRACT:

Narratives are abundant in various literature, both ancient and recent. And they are also abundant in the Scriptures. However, the question is: how to correctly understand and interpret the narratives? Since, there are several methods and perspectives that often misinterpret them. This can be seen in the various ethical schools, where each has its own way of interpreting such narratives. When we look at the narrative of Joshua 2: 3-13, it is no different, as there are many different and wrong ways to interpret it, in this sense, it is essential to observe the various elements that make up a narrative and the appropriate method to interpret it.

Key-words: Lie; Narrative; Hermeneutics; Macro plot; Gender.

INTRODUÇÃO

A mentira tem sido uma prática comum na humanidade. Desde os tempos mais antigos, pode-se encontrá-la enraizada entre vários povos e culturas. Pode ser vista inclusive na Bíblia Sagrada. Ao verificar as páginas das Escrituras observa-se várias passagens e narrativas onde personagens bíblicos usam este artifício. Este recurso é empregado em diversas situações e momentos. É usada tanto para salvar uma vida como em se obter vantagens através do engano. Devido a esse recurso tão extenso, é necessário fazer um estudo de caso específico como será proposto por esta pesquisa.

Uma questão que precisa ser respondida ao analisar o assunto nas páginas da Bíblia é: o registro, a simples descrição histórica de um ato de mentira, legitima tal comportamento? Os textos históricos, construídos em sua maioria através de narrativas, têm como propósito ser um compêndio de casos éticos? E quando tais narrativas não omitem nenhum juízo de valor explicitamente após certas situações controversas, será necessário concluir que há uma permissividade ou proibição? Estas questões precisam ser analisadas para que não haja nenhum tratamento descuidado ou descontextualizado de tais seções bíblicas.

Esta é a proposta deste trabalho. Para o êxito desta empreitada será necessário compreender melhor como interpretar as narrativas bíblicas, melhor e ainda mais básico, o que são narrativas? Certamente a compreensão deste assunto ajudará ao estudante das Escrituras a ser mais preciso nas lições e implicações que podem ser retiradas deste gênero literário.

Essa é uma possível razão como o trabalho pretende mostrar de vários equívocos hermenêuticos e exegéticos na interpretação de narrativas. Sem entender as narrativas, certamente haverá dificuldade em entender o enredo, a cena, os diálogos dos personagens e, principalmente, o macroenredo. A história maior de Deus. Foca-se na trama e esquece-se do enredo maior.

Essas observações trarão luz ao texto dentro do enredo maior. E aqui, deve-se atentar para as particularidades do texto hebraico. Sua poesia, literatura, as riquezas de suas narrativas. Sem considerar esses princípios, incorreremos em erro, por isso, Gordon Fee contribuirá bastante com sua pesquisa por esclarecer que as narrativas são histórias que recontam eventos históricos do passado com a intenção de dar sentido e direção a um

determinado povo no presente, e isso sempre aconteceu com todos os povos e culturas. A narrativa bíblica é peculiar por ser teológica, neste sentido ela difere de todas as outras histórias, pois ela tem a ação do Espírito Santo por trás de cada evento conduzindo os eventos e personagens na estrutura da história da salvação.

Esse entendimento é crucial na narrativa do Antigo Testamento. Por isso, “as narrativas bíblicas não são diferentes das outras histórias, todavia, há uma diferença crucial entre as narrativas bíblicas e as demais porque, uma vez que são inspiradas pelo Espírito Santo, a história narrada pelo povo não é nossa história, mas é a história de Deus” (FEE, 2011, p.110). É essa a perspectiva correta que se deve ter em relação as narrativas bíblicas. Se essa noção for desconsiderada, perder-se-á o fio condutor de toda a história bíblica.

Por isso, deve-se entender o relato de Josué 2:3-13, como uma narrativa que pertence ao macroenredo da história da salvação, um relato que pertence ao enredo maior, e não uma história isolada. Como uma descrição, essa história tem todos os elementos em harmonia. Enredo, cena, personagens, tensão dramática com o propósito de nos levar ao clímax da explanação. Por isso, é de extrema importância o uso do método correto para se ler e interpretar os relatos narrativos.

Esse conjunto de princípios, levam o leitor a não se perder ou anular a mensagem principal do enredo, e levará o intérprete a perceber as mudanças de cenas, uma maneira que o narrador usa para nos levar ao clímax da narrativa. Isso acontece por que o narrador que revelar mais adiante o porquê daquela mudança abrupta de cena. Isso pode ser visto claramente no episódio de Josué 2:3-13. O narrador nos leva cena por cena aos detalhes que ele quer mostrar e explicar. “As narrativas têm um padrão básico, incluindo uma serie de relações com o começo, meio e fim” (KAISER, 2009, p.67).

Considerando assim, a atualidade e necessidade da pesquisa, o presente trabalho torna-se relevante, principalmente do ponto de vista da hermenêutica bíblica. A presente pesquisa pode trazer contribuições para a interpretação bíblica, principalmente no que diz respeito as narrativas veterotestamentárias. A abordagem proposta pela investigação poderá ser aplicada a leitura de vários outros temas que se encontram dentro do gênero literário.

Para tanto, o trabalho usará o método de cunho hermenêutico. Com esse objetivo, a investigação apresentará todos esses princípios basilares para a correta compreensão e aplicação das narrativas. Para alcançar esse objetivo, apresentaremos o método hermenêutico e todos os princípios que ele traz e que se considera adequado para se entender as narrativas do Antigo Testamento. Portanto, o objetivo da inquirição é tratar da relação da mentira no Antigo Testamento e como interpretar em seu contexto restrito e no contexto macroenredo.

1 - COMO INTERPRETAR O GÊNERO LITERÁRIO NARRATIVO NO ANTIGO TESTAMENTO?

O que é uma narrativa? Pode-se afirmar que existem vários tipos de narrativa. Encontram-se narrativas em revistas de quadrinhos, jornais, revistas em geral. Na Bíblia também se encontram narrativas. Conforme o teólogo (KAISER, 2009, p.67) “o gênero literário mais comum encontrado na Bíblia é a narrativa, consistindo em bem mais de um terço de toda a Bíblia nesta forma”. O objeto do estudo em questão segue uma lógica traçada pelo autor que pretende relatar uma história.

Ela segue padrões nos moldes de seu contexto com objetivos específicos para levar o leitor a entender o propósito planejado pelo autor. Conforme (OSBORNE, 2009, p.32) “a questão do gênero literário é um importante elemento no debate sobre a possibilidade de recuperar o significado pretendido pelo autor”. Assim, pode-se perceber que a narrativa não é meramente um relato fictício, mas antes, um relato que quer transmitir verdades dentro de uma história.

Todo relato conforme (KAISER, 2009, p.67) é “uma narrativa que em seu sentido mais amplo é um relato de acontecimentos específicos no tempo e no espaço com participantes cujas histórias são registradas com um começo, meio e fim”. Ocorre que algumas vezes os leitores se distanciam do propósito do autor e se perdem, por exemplo, a tentar extrair lições secundárias dentro do objeto estudado. Conforme (KAISER, 2009, p.68) demonstra isso afirmando que “os leitores e intérpretes das histórias, algumas vezes, envolvem-se tanto com os personagens e a trama da narrativa que se esquecem de considerar qual é a mensagem de Deus para a igreja contemporânea. Para eles, a história é um fim em si mesma”.

Para evitar esses erros, precisa-se entender o que compõe uma narrativa, quais elementos fazem parte da narrativa na Bíblia. A conclusão de (OSBORNE, 2009, p.32) nos diz que “o gênero ou tipo de literatura em que se encontra determinada passagem fornece as regras dos jogos de linguagem, ou seja, os princípios hermenêuticos pelos quais se interpreta os textos”. Isso reflete diretamente na interpretação e compreensão da mensagem:

A questão do gênero é importante no debate sobre a possibilidade de recuperar o significado pretendido pelo autor. Todos os escritores expressam sua mensagem dentro de um determinado gênero, para que os leitores tenham regras suficientes pelas quais possam decodificá-la. Essas indicações orientam o leitor (ou o ouvinte) e fornecem pistas para a interpretação (OSBORNE, 2009, p. 32)

Como pode ser observado no que foi dito sobre o gênero, seu entendimento é fundamental para a análise bíblica. Sua importância dentro das Escrituras se dá no fato de que ela não apenas informa ao leitor a história registrada, mas também comunica uma mensagem teológica, que é transmitida através da literatura e na forma como essa literatura é construída.

Para o professor de literatura bíblica (HUBBARD, 2017, p.520) em relação as narrativas bíblicas “aprender as suas histórias claramente é ter requisito, competência literária, é o primeiro passo para ouvir a clara voz de Deus falando através delas”. Ou seja, a dimensão literária da narrativa é, geralmente, o meio pelo qual os fatos rudimentares adquirem uma dimensão teológica” (CHISOLM, 2011, p.20). Por isso, será crucial demonstrar as características que compõe e que fundamentam a correta interpretação de uma narrativa hebraica.

Assim sendo, para um entendimento apropriado da mentira no Antigo Testamento, deve-se, de forma principal, saber o porquê de as narrativas veterotestamentárias não apresentarem julgamento moral da mentira. Será responsável dizer que não há julgamento por parte do narrador, nesse sentido, não haveria uma indicação de que Deus aprovara a prática da mentira no texto, ou será que o locutor teria motivos de cunho teológico para não dar sua opinião quanto ao tema? Por isso, se faz necessário entender o que é e como funciona uma narrativa no Antigo testamento.

1.1 Elementos básicos da narrativa

Os autores (Fee e Stuart, 2011, p.110) dizem que “narrativas são histórias significativas que recontam os *eventos históricos* do passado com a intenção de dar sentido e direção a um determinado povo no *presente*. No nível básico, encontram-se informações que nos são dadas sobre o passado. Elas se constituem de três partes básicas: personagens, enredo e desfecho os mesmos autores dizem ainda que “ao ler e estudar as narrativas, será de grande ajuda reconhecer que a história é contada em três níveis. O nível superior, que também é chamado de Metanarrativa, o segundo nível chamado de intermediário e o chamado primeiro nível.

No nível superior encontra-se o plano universal de Deus, onde ele preparou toda a sua criação. Os autores dizem que nesse plano encontra-se os “aspectos chave do enredo que são: a própria criação inicial, a queda da humanidade, o poder e a universalidade do pecado, a necessidade da redenção e a encarnação e sacrifício de Cristo”. No segundo nível, ou intermediário, pode-se observar que ele é mais restrito, referindo-se especificamente a um povo. Fee e Stuart (2011) declaram que “refere-se à história de um povo redimido por Deus para seu nome. A história do povo de Israel.”

No primeiro nível, encontra-se tudo que está dentro da narrativa. Fee e Stuart (2011) afirmam que “nele se encontra todas as cenas de narrativas que perfazem os dois outros níveis”. Os autores argumentam que:

Uma consciência dessa “hierarquizada narrativa” deve ajudá-lo no entendimento e aplicação das narrativas do Antigo Testamento. Assim, quando Jesus diz que “as Escrituras [...] dão testemunho [dele]” (Jo 5.39), ele falava do nível ulterior e superior da narrativa, em que sua expiação era o ato central, e a sujeição de toda a criação a ele era o clímax do seu enredo. (FEE e STUART, 2011, p. 112)

O autor (KÖSTENBERGER, 2015, p.220) corrobora a argumentação de Fee e Stuart dizendo que “a narrativa é um gênero literário que combina períodos e parágrafos para formar discursos, episódios ou cenas. Entender a verdadeira natureza da narrativa é imprescindível para a precisão da interpretação”. Portanto, não é possível minimizar a importância do entendimento correto das narrativas bíblicas dentro do seu contexto literário.

Para o professor de Novo Testamento (OSBORNE, 2009, p.255) “as narrativas bíblicas contem história e teologia. Assim, a base histórica das narrativas é crucial, mas

a representação dessa narrativa no texto é o verdadeiro objeto de interpretação”. Mais uma vez é possível compreender que a interpretação é de extrema importância para o entendimento correto das narrativas.

É muito importante entender também o que as narrativas bíblicas não são. Não são histórias fantasiosas cheias de significados ocultos que trazem lições de valor moral ou ético aos leitores. Por isso, muitos a interpretam de forma equivocada na igreja. Pessoas que não dominam bem as ferramentas da hermenêutica, assim sendo, é preciso lembrar que na igreja as narrativas têm sido entendidas de forma incorreta. Nesse sentido, é de extrema relevância evocar a mente dos leitores como elas devem ser entendidas. Para os autores Fee e Stuart (2011) “as narrativas do Antigo Testamento não são *alegorias cheias de significados ocultos*. No entanto, pode haver narrativas que não são fáceis de entender. Elas têm um significado peculiar para os leitores originais”. Por exemplo, (FEE E STUART, 2011, p.112) asseguram que “o relato de Moises subindo e descendo do Monte Sinai em Êxodo 19 -34 não é uma alegoria da descida e subida da alma para Deus”.

Outra lição importante é que não se deve tão simples e facilmente retirar das narrativas julgamento de valor ou lições de moral, pois seu objetivo não é um mero estudo de caso para abastecer o campo da ética, antes, é narrar os fatos demonstrando de forma direta a grande história por trás de toda narrativa na Bíblia, a saber, o plano de Deus sobre a história da salvação. Os autores (FEE E STUART, 2011, p.113) corroboram com essa conclusão afirmando que “as narrativas individuais do Antigo Testamento *não têm a intenção de ensinar lições de moral*. O propósito das narrativas individuais é contar o que Deus fez na história de Israel, e não oferecer exemplos morais de um comportamento certo ou errado”. Fee e Stuart mostram ainda que:

Com bastante frequência, você ouvirá algumas dizerem: “O que nós podemos aprender nessa história é que nós não devemos fazer [ou dizer]”. Contudo, com que base fazemos isso em casos em que nem mesmo o narrador bíblico apresentou uma lição? De forma correta, podemos depreender da história de Jacó e Esaú os resultados negativos do favoritismo dos pais. No entanto, essa não é a razão da narrativa no livro de Genesis. Mas do que isso, ela serve para nos contar como a linhagem da família de Abraão teve continuidade através de Jacó e não de Esaú. (FEE e STUART, 2011, p. 113)

Pode-se perceber que os intérpretes e mesmo os leitores das narrativas bíblicas se envolvem de forma tão intensa com as histórias que se esquecem que existe uma mensagem de Deus para a igreja. Essa é a conclusão que (KAISER, 2009, p.68) também entende, pois “os leitores muitas vezes projetam alguma verdade moral ou espiritual sobre um personagem ou acontecimento bíblico, prestando mais atenção a lição moral que percebem na narrativa do que à história dita”. A advertência expressa pelo autor é de suma importância para evitar esses equívocos hermenêuticos.

O mesmo autor (KAISER, 2009, p.68) afirma ainda que “a objeção latente de interpretar a Bíblia de uma forma moralista extraíndo exemplos para cada passagem da narrativa é o que destrói a unidade da mensagem da Bíblia”. Ele afirma ainda que “sob esses métodos de lidar com o texto, cada narrativa tende a ser cortada da história redentora de Cristo e resulta em uma seria fragmentação da mensagem bíblica”. Assim, percebe-se o quanto é importante entender a narrativa dentro do seu contexto.

1.2 O narrador

Em narrativas, o narrador seria como um observador que é o único que enxerga todos os fatos da história, assim “nas narrativas do Antigo Testamento, o narrador geralmente assume um ponto de vista divino e onisciente, que transcende o fato propriamente dito e extrapola o que uma mera testemunha ocular percebia, e como tal, o narrador fala com autoridade divina” (CHISHOLM, 2011, p.57) ou seja, para uma correta interpretação é fundamental ao narrador o princípio de autoridade. Essa observação se faz necessária, pois, atualmente no contexto pós-moderno, não apenas se contesta, mas também se destrói o propósito teológico e seus pressupostos.

Chisholm (2011) afirma ainda que, “se as narrativas do Antigo Testamento são verdadeiramente as Escrituras, o intérprete deve respeitar a autoridade do narrador”. Por exemplo, (CHISHOLM, 2011, p.57) diz que “Alguns desconstroem a narrativa do confronto entre Davi e Nabal de tal forma, que transformam Nabal em um personagem simpático, vítima de extorsão por um (Davi) que comandava um crime organizado “protetor” no estilo da máfia”. Por isso, Fee e Stuart (2011) nos advertem dizendo que “o narrador é responsável pelo “ponto de vista” da história, isto é, pela perspectiva a partir da qual a história é narrada”. Por todas essas observações, deve-se respeitar o narrador dentro do contexto em que ele conta a história bíblica.

Para (Osborne, 2009, p.259) “o narrador é um falante invisível do texto, audível em especial nas partes editoriais. O narrador nos conta a história e, às vezes, interpreta o seu significado”. Ele declara ainda que “O narrador bíblico possui muitas características importantes, mas, de forma mais saliente, deve-se concordar que, às vezes, ele é indistinguível do Deus que o inspira” (OSBORNE, 2009, p.259). na mesma linha de pensamento (KAISER, 2009, p.68) argumenta que “o desejo de encontrar o que é prático e pessoal, desafiador e individualmente aplicável é louvável: métodos que essencialmente nos permitem desconsiderar a narrativa em si, todavia, são muito insuficientes. Assim, não se pode deixar de avisar que nas narrativas existem regras e elas precisam ser aplicadas. “Dessa forma, quando você ler as várias narrativas, esteja, constantemente em busca de saber como o narrador inspirado revela o ponto de vista a partir do qual você entenderá a história” (FEE e STUART, 2011, p.115).

1.3 Cena

A cena é algo muito importante dentro da narrativa pois ela é “Mais do que construir a história em torno do “caráter” de qualquer uma das personagens, o modo predominante da narrativa hebraica é o cênico. A ação é desenvolvida por uma série de cenas que juntas perfazem o todo” (FEE e STUART, 2011, p.115). Pode-se comparar a uma serie de Tv ou de cinema que por várias cenas contam a história. Nota-se que a cena também é muito importante na narrativa, pois ela é responsável em trazer progressão a história. Kaiser (2009) diz que “a cena é a característica mais importante na narrativa, pois a história é dividida em sequência de cenas em que cada uma apresenta o que aconteceu em um tempo e lugar”.

Quando se observa a estrutura de um filme, pode-se ver a divisão do filme em várias cenas, cada uma delas com proposito distinto. Nesse sentido, procura-se envolver o telespectador a continuar nas próximas cenas. “Uma das características mais notáveis sobre a narrativa bíblica é “a presença penetrante de Deus”. Frequentemente Deus é um dos personagens nessas cenas ou a voz do profeta funciona em lugar da presença de Deus” KAISER (2009) Assim, cada uma dessas cenas deve ser identificada pelo intérprete. O mesmo autor nos diz que:

É útil esboçar uma síntese de proposição para cada cena, similar à maneira como poderíamos identificar o tópico ou a sentença tema de cada parágrafo em um artigo. Essa síntese de proposição deve concentrar-se nas ações, palavras, ou descrições da cena, tendo em mente a direção que o autor parece estar seguindo em toda a sequência das cenas. (FEE e STUART, 2011, p. 69)

Pode-se observar, por exemplo, como isso acontece “no episódio de abertura narrado em Gênesis 37. Na cena José tornar-se delator de seus irmãos; logo em seguida, você é informado da razão de seus irmãos o odiarem, o favoritismo do pai. Rapidamente, a cena se desloca para duas cenas em que José conta dois sonhos” (FEE e STUART, 2011, p.115). Pode-se ver que a cena serve como uma pausa na história com o objetivo de certificar que se entendeu a cena crucial no tempo certo. Tanto unidas como separadas as cenas nos conduzem a um movimento dentro da história.

1.4 Macroenredo

Por fim, o princípio que é fundamental na interpretação das narrativas do AT, que pode ser observado em cada livro das Escrituras como um todo, e que deve ser o norteador de todo intérprete e leitor que deseja fazer uma interpretação correta, é o Macroenredo. Ele deve levar cada leitor a interpretação de cada seleção da história pelos autores bíblicos:

As narrativas do Antigo Testamento não são antologias com pequenas histórias independentes e isoladas. Embora possam ser diferentes de um romance moderno, as narrativas do AT apresentam um macroenredo. Um enredo mais amplo que engloba, mas, ao mesmo tempo, transcende as narrativas separadas. Cada narrativa isolada deve ser vista como parte de um contexto desse macroenredo. Assim, como não se pode apreciar uma cena de um filme de maneira completa e apropriada sem se ver o filme inteiro não se pode também entender o propósito de uma cena ou de uma história particular numa narrativa bíblica separada do seu macroenredo. (CHISHOLM, 2011, p. 60)

A narrativa é composta de alguns elementos e um destes é o enredo, ou pode ser visto como uma continuação de eventos, pois no centro dele existe um conflito que o personagem principal está envolvido. “Esse conflito geralmente implica um teste ou um desafio” CHISHOLM (2011). Deve-se lembrar que o propósito de cada história da Bíblia é se unir ao tema central das Escrituras. Não se pode esquecer que cada acontecimento que ocorreu com os personagens bíblicos, foram selecionados pelos narradores, sendo o critério base, o macroenredo.

De outra forma, toda história registrada na Bíblia tem um propósito, pois as partes dessa história se juntam e formam a imagem completa do quebra-cabeça. O macroenredo é como uma espinha dorsal da história, de modo que, só haverá sentido no todo se as partes estiverem juntas. (CHISHOLM, 2011, p.61) declara que “a narrativa do AT contém vários gêneros, além de suas histórias. Ao explicar o macroenredo de um livro, o intérprete tem a tarefa de elucidar como a organização do material literário contribui para a totalidade e o propósito da mensagem”. (OSBORNE, 2009, p.263) assegura que “o enredo contém a sucessão conjunta de eventos que seguem uma ordem de causa e efeito, os quais levam a um clímax e envolvem o leitor no mundo narrativo da história”.

Deve-se estudar de forma muito cuidadosa o enredo que está no texto narrativo para determinar o desenvolvimento dos temas e o que é proposto pelo autor, pois os indicativos e as características que fazem parte dessas propostas serão importantíssimos para a mensagem de uma obra literária. Munido com esses princípios em mente, segue-se agora para a aplicação na leitura do texto “*narrativo que contém o episódio onde o personagem usa a mentira*”. O próximo passo é entender a prática da mentira nas narrativas do Antigo Testamento, o que não pode ocorrer sem atentar para essa base metodológica interpretativa e dever ser com base nessa metodologia interpretativa de narrativas veterotestamentária apresentada nessa pesquisa.

2 – INTERPRETAÇÃO DA NARRATIVA

Nesta seção, apresenta-se uma metodologia de interpretação das narrativas do Antigo Testamento. A pesquisa voltar-se-á para a interpretação do texto narrativo que registra um episódio contendo mentira. O passo em princípio, terá como objetivo aplicar o princípio interpretativo apresentado nessa pesquisa na narrativa que relata mentira.

Essa análise tem como propósito principal entender se o relato narrativo do Antigo Testamento pode ou não fundamentar ou legitimar o uso de mentira, no contexto veterotestamentário. Mesmo que o locutor de Josué não faça juízo de valor, faz-se necessário compreender o uso da mentira no texto bíblico em questão.

A Bíblia coloca como o pai da mentira o próprio satanás. O vocábulo usado no texto de João 8.44, *vós pertenceis ao pai de vocês...pois é mentiroso e pai da mentira*¹, reforça essa ideia e corrobora a mesma ideia do Antigo Testamento em relação a mentira.

Por exemplo, em Provérbios 30.8 diz: *afasta de mim a falsidade² e a mentira³*, percebe-se que o uso deste vocábulo está intimamente ligado ao ato de enganar ou mentir a alguém. Em Deuteronômio 5.20 diz: *Não dirás falso⁴ testemunho contra o teu próximo*. “Quando há שֶׁקֶר “sheqer” as palavras usadas não são fundamentadas nos fatos, são inventadas pela pessoa, em geral, com intuito de prejudicar” (PALLISTER, 2005, p.238).

Deve-se lembrar o que foi demonstrado no início deste capítulo em relação ao narrador. O narrador não faz juízo de valor, pois é muito importante entender que esse não é o propósito da narrativa, por isso, kaiser (2009) argumenta que “muitas vezes os leitores projetam verdade moral ou espiritual sobre um personagem ou acontecimento bíblico, prestando mais atenção à lição moral que percebem na narrativa do que à história dita”. Relembrando esses princípios, pode-se prosseguir para o texto bíblico.

2.1 A narrativa de Josué

O texto de Josué 2 de fato é uma narrativa, não uma seção normativa ou moral, isso é fundamental para entender e retirar implicações do texto. No verso 4-7, Woudstra (2011) argumenta que “a ordem convencional das palavras no hebraico [forma verbal – sujeito] é muitas vezes cambiada por um estilo narrativo mais vivido com o sujeito antes do verbo” que conforme o mesmo autor “o mais-que-perfeito é uma leitura possível no

¹ ψεῦδος - significa mentir, mentiroso ou mentira. sendo mentira um fenômeno universal, em geral não há maiores dificuldades para se encontrar um termo que expresse “mentira” e “mentiroso”. Muitas vezes, porém, o equivalente é uma expressão idiomática, algo como, por exemplo, “dizer demais”, “falar com duas línguas” ou “dizer algo diferente daquilo que se pensa”. (NIDA E LOUW, 2013, p. 373)

² אִשָּׁרָא - vocábulo que significa sem valor, ídolos, engano, fraude. (HOLLADAY, 2010, p. 514)

³ כָּזָב - vocábulo que significa mentir, mostrar-se como mentiroso, enganar, iludir, mentira, falsidade falsos deuses. (Holladay, 2010, p. 218)

⁴ שֶׁקֶר - significa mentira, falsidade, engano, o que é errado, simulado, irreal. (HOLLADAY, 2010, p. 544)

hebraico. Isso explica mais facilmente por que os mensageiros do rei não demonstraram suspeita” (WOUDSTRA, 2011, p.70).

O narrador conta a história não se preocupando com alguma verdade ética/moral para ser ensinada no texto antes, o narrador prende a atenção do leitor mostrando as cenas seguintes com um certo drama na história. (FEE, 2014, p.118) confirma essa verdade na narrativa dizendo: “uma narrativa não pode funcionar sem um enredo e sem um desfecho. Em outras palavras, isso significa que a narrativa deve ter começo, meio e fim, que juntos tem como foco o crescimento da tensão dramática que no momento oportuno, é liberada”.

Assim, o ponto central da narrativa não é a Moral, mas relatar os fatos narrados. O narrador nos conta que Raabe no verso 6, tinha levado os homens ao terraço para escondê-los ali. Conforme Woudstra (2011) “Raabe admitiu que os estrangeiros tinham vindo até ela, que não conhecia a identidade deles e que já haviam partido antes do anoitecer e do fechamento dos portões da cidade”. Ele observa também que sugere aos mensageiros do rei que façam uma busca pela cidade. “Ela termina as suas observações recomendando a perseguição imediata” WOUDSTRA (2011).

Pode-se perceber que o narrador está preocupado em contar os fatos através das cenas narradas. Isso não elimina o aprendizado do texto, contudo, o texto não tem como propósito lições morais, pois seu objetivo é mostrar a tensão na narrativa. Kaiser (2009) argumenta que “sob esse método de lidar com o texto, cada narrativa tende a ser cortada da história redentora de Cristo e resulta em uma seria fragmentação da mensagem bíblica”. Fee (2014) questiona essa prática de retirar lições éticas, dizendo que “com que base nós fazemos isso em casos em que nem mesmo o narrador bíblico apresentou uma lição?” assim, para Kaiser (2009):

No lugar de considerar todo acontecimento, personagem, e episódio que contribui para a formação do contexto em que está posto, com demasiada frequência, um processo subjetivo de analogia passa a vigorar, junto com um isolamento individualista de detalhes selecionados que passam a se ajustar aos caprichos dos propósitos do interpreta. Um processo de seleção assim, tende a ser arbitrário, subjetivo e, geralmente não está relacionado ao contexto total da narrativa, muito menos à mensagem total da Bíblia. (KAISER, 2009, p. 68)

Por isso, é preciso perceber que o narrador nos leva cena após cena para nos relatar que Raabe ouvira falar do Deus de Israel, pois nos versos 8-11, o narrador esclarece por que Raabe escondeu os espias. Ela sabia que se protegesse os espias, poderia ser salva da

destruição que viria. Isso fica evidente em sua declaração nos versos 9-12. Todavia, há que se ressaltar que “a narrativa hebraica quase sempre se desenvolve episodicamente. O verso 7 relata a perseguição aos *homens na direção do Jordão, perto dos vãos* e o fechamento dos portões” WOULDSTRA (2011). Contudo, o narrador só volta ao tema no v. 22. Assim, o leitor é levado a se concentrar na cena que se dá no interior da casa de Raabe. Em seguida, o narrador evoca a perseguição aos homens do rei.

O narrador é muito habilidoso em nos levar sempre para o macroenredo, pois esse é o ponto central de toda a passagem. (WOULDSTRA, 2011, p.71) esclarece da seguinte forma: “Raabe se livrou dos reis, ela subiu ao telhado onde os homens ainda *não haviam se deitado*; eles não tinham ido dormir ainda. Ela manifesta a convicção de que o *Senhor lhes entregou esta terra*. Confirmando, assim, o que o cap. 1 declarava repetidamente”.

Nos versos 12-13, Raabe exige *fidelidade*⁵ a ela e a seus familiares como retribuição a ação dela pelos espias. O narrador aponta, com base no verso 12, que a fidelidade tinha como referência o Senhor e não apenas eles mesmos. Ela diz: *E jurem pelo Senhor...* que me darão um sinal certo. Mais uma vez, o narrador evoca o leitor ao macroenredo da narrativa.

Fee (2014) diz que “o enredo na narrativa hebraica se desenvolve com um ritmo muito mais rápido do que muitas narrativas modernas, dessa forma, devem-se procurar encontrar o enredo principal e seu desfecho e perceber os recursos usados pelo narrador”.

Portanto, Muitas das narrativas bíblicas usadas por estudiosos, como é o caso desta de Raabe, não deveriam ser usadas tão fácil e simplesmente como base para um juízo moral levantadas por estudiosos, não podem ser usadas como base para um juízo moral, ou ainda aprovarem qualquer tipo de prática defendida por escolas éticas. É necessário entender a narrativa bíblica com toda sua riqueza poética, literária, levando em conta o método correto para o intérprete compreender as narrativas veterotestamentárias. Se observado todos os princípios já demonstrados, as narrativas podem ser melhor lidas e compreendidas, trazendo luz para o leitor.

⁵ תִּשְׁבַּע - palavra difícil de ser traduzida, pois tem uma ampla variedade de possibilidade. Mas pode significar lealdade, fidelidade, favor, bondade, atos piedosos. (HOLLADAY, 2010, p. 156).

É importante perceber que a passagem não diz respeito, ou não deseja focar os meios usados por Raabe para evidenciar sua fidelidade. O narrador simplesmente não entende que este aspecto seja tão relevante para ser desenvolvido. O ponto central diz respeito ao avanço de Israel e a conquista dos povos inimigos. E por este prisma, Raabe foi fundamental para que a promessa de Deus fosse concretizada. Na Raabe é destacada na narrativa não por seu ato de engano, o narrador não faz nenhum juízo de valor quanto a isto, mas por ser uma mulher de fé, a única habitante apta a ser resgatada, mesmo habitando entre aqueles que seriam destruídos. É preciso perceber a graça de Deus para com os gentios nesta história, um Deus que não é exclusivo dos descendentes imediatos de Abraão.

O plano de Deus de abençoar todos os povos e nações da terra está se consumando em Josué 2. A morte daqueles povos contrasta com a salvação de Raabe. A mentira dele, pode ser vista, até mesmo como uma forma de mostrar que ela fazia parte de um povo pagão e que era uma pecadora, habituada com normas morais contrárias a vontade de Deus. Contudo, a beleza do texto, está em mostrar a misericórdia de Deus com esta mulher estrangeira e que até mesmo em seus atos de fé são misturados com o pecado. A fé dela era genuína, este é o segundo aspecto importante na narrativa.

Ela arriscou sua vida por conta de Deus. Quando Raabe aparece no Novo Testamento com uma das heroínas da fé, em Hebreus 11, não é devido ao seu ato pecaminoso, ou porque Deus não considerou pecado sua mentira, e sim, por conta de sua disposição de arriscar sua vida por um Deus que, nem mesmo, fazia parte de sua cultura religiosa. Este é o contexto dos nomes citados em Hebreus, basta notar as descrições que seguem a menção de Raabe. At.11:35-38

35 Mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos. Alguns foram torturados, não aceitando seu resgate, para obterem superior ressurreição; 36 outros, por sua vez, passaram pela prova de escárnios e açoites, sim, até de algemas e prisões. 37 Foram apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos a fio de espada; andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados 38 (homens dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas, pelos antros da terra.

Este é o ponto chave na vida desta mulher pagã, mesmo que o seu procedimento tenha sido condenável a luz de outros textos da Escrituras, ela não considerou sua vida

mais importante do que Deus e sua missão. Ela mentiu, mas o narrador entende que existe algo bem mais importante a ser considerado sobre esta mulher e o evento, aquilo que contribuiria com o macroenredo ou metanarrativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mentira em narrativas do Antigo Testamento não deixa dúvidas quanto seu uso em vários relatos que expressam de forma imparcial seu uso indiscriminado. Entretanto, isso não autoriza o leitor a da mesma forma, utilizá-la. Pois de acordo com a pesquisa, seu uso não pode ser visto como recurso viável em dilemas éticos. Todavia, por causa de nossa natureza pecaminosa, somos impelidos a agir muitas vezes de acordo com as circunstâncias.

Essa recorrência nas narrativas veterotestamentária, não são o ponto central das narrativas, antes, são registros narrados. Como vimos nessa pesquisa, as narrativas não fazem juízo de valor moral, esse não é o ponto, pois as narrativas visam a Metanarrativa, a história maior, que por trás tem a ação do Deus todo poderoso, providenciando a redenção de seu povo através da promessa de redenção por Cristo.

Por isso, é de extrema importância atentar para o que compõe uma narrativa, e a função desses princípios para não cair em desonestidade exegética como fora apresentado na pesquisa. (KÖSTENBERGER, 2015, p.223) assegura que “as narrativas bíblicas contam com a orientação e a iluminação do Espírito Santo na escolher dos acontecimentos registrados e a tradição oral. Além disso, não há dúvida de que parte das narrativas se originou da revelação divina direta”.

Com uma visão bem mais ampla do gênero literário chamado “narrativas” fica evidente e constata-se que é impossível legalizar a prática da mentira em textos narrativos que como foi mostrado, relatam ou narram os fatos e não a prática. Como foi observado na pesquisa, o silêncio do narrador não significa que ele concorda ou aprova os atos cometidos pelos personagens.

Portanto, mesmo que digam que mentira é uma prática que é relatada na bíblia, isso não significa que ela aprove essa prática, pois a mentira como foi demonstrado na pesquisa, afronta diretamente a santidade de Deus, ele é nossa referência em ética e

padrão moral. Essas práticas foram registradas para demonstrar o caráter de Deus e seus princípios santos espalhados em toda a Bíblia.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Aurélio. **Sobre a mentira**. São Paulo: Ecclesiae de Bolso, 2016.

CHISHOLM, Robert B. **Interpreta dos livros Históricos**: um guia prático e Indispensável manual de exegese. São Paulo: editora Cultura Cristã, 2011.

EUGENE, Nida. Johannes Louw. **Léxico Grego – Português do Novo Testamento**: baseados em domínios semânticos. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

FEE, Gordon D. & Stuart Douglas. **Entendes o lês**: um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 2011.

GEISLER, Norman L. **Ética cristã**: opções e questões contemporâneas. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2010.

GREGGERSE, Gabriele. **Se não é verdade, é o que?** Agostino contra a mentira. *Mirabilia*: Revista eletrônica da antiguidade e da meia idade . Nm. 4, Jun-Dez, 2005.

HUBBARD, Robert L. William W. Klein. Craig L. Blomberg. **Introdução à Interpretação Bíblica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brazil, 2017.

HOLLADAY, William L. **Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2010

HODGE, Charles. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2001.

KÖSTENBERGER, Andreas J. Richard D. Petterson. **Convite à Interpretação Bíblica**: A tríade hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 2015.

KAISER, Walter Jr. Moisés Silva. **Introdução à Hermenêutica Bíblia**. Como ouvir a Palavra de Deus apesar dos ruídos de nossa época. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

PALLISTER, Alan. **Ética Cristã Hoje: Vivendo um Cristianismo coerente em uma sociedade em mudança rápida.** São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

SMITH, Ralph I. **Teologia do Antigo Testamento: a história, método e mensagem.** São Paulo: Vida Nova, 2001.

ULDSTRA, Marten H. **Comentários do Antigo Testamento.** São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

ULRICH, Hans Reifler. **A ética dos Dez Mandamentos.** São Paulo: Editora Vida Nova, 2016.

OSBORNE, Grant R. **A Espiral Hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica.** São Paulo: Vida Nova, 2009.

ZUCK, Roy B. **A Interpretação Bíblica.** São Paulo: Vida Nova, 1994.